

## Jornalismo, História:

### Belém nos relatos do Jornal “O Estado do Pará” de agosto de 1912<sup>1</sup>

*Miguel Alves de Souza Neto<sup>2</sup>*

*Priscila Ferreira Bentes<sup>3</sup>*

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a produção jornalística realizada pelo Jornal “O Estado do Pará”<sup>4</sup> a partir dos relatos de acontecimentos ocorridos no mês de agosto do ano de 1912. Assim, é evidenciada a estrutura do jornal, o relato da comemoração da data 15 de agosto, a descrição da luta política entre Lauro Sodré e Antônio Lemos, como retratou o fim da Era da Borracha, buscando comparar sua produção com os jornais da atualidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; História; Produção; Evolução.

#### 1 COMENTÁRIOS INICIAIS

Este artigo faz o mapeamento do Jornal “O Estado do Pará” com análise dos relatos desenvolvidos no mês de agosto de 1912. Trata da estrutura desse jornal, das notícias como reflexo da evolução histórica do jornalismo, buscando compreender seu conteúdo baseado nos aspectos do fazer jornalístico da época. Ilustra como eram os festejos da data comemorativa - hoje pouco memorada - 15 de agosto - dia em que o Estado do Pará aderiu à Independência do Brasil (1823), a queda do intendente Antônio Lemos - o fim da era “Lemista” - e o atentado a Lauro Sodré, e duas datas - 28 e 29 de agosto - que configuraram o fim da chamada “Era da Borracha”.

Realiza-se uma comparação do fazer jornalismo do século XX com produção da notícia de acordo com as rotinas produtivas - *Newsmaking* - e aquilo que se considera necessário para o conhecimento do cidadão - *Agenda Setting*. Compara-se a produção jornalística d’“O Estado do Pará” com a produção jornalística atual e local - jornais “O

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática “Jornalismo: reconfigurações, possibilidades e sociedade”, durante o Culturas, Linguagens e Interfaces Contemporâneas 2012, realizado no Espaço Benedito Nunes, na Saraiva MegaStore, de 20 a 23 de novembro de 2012.

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social - Jornalismo. Universidade da Amazônia (Unama). E-mail. Exemplo: [alvesmiguelneto@gmail.com](mailto:alvesmiguelneto@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduando em Comunicação Social - Jornalismo. Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: [priscilafbentes@gmail.com](mailto:priscilafbentes@gmail.com).

<sup>4</sup> Trabalha-se com a linguagem e gramática originais dos escritos do Jornal “O Estado do Pará” de 1912.



Liberal” e “Diário do Pará”, suas divergências e convergências, características de composição, modo de organização das notícias.

A metodologia escolhida para realização deste trabalho foi, principalmente, a pesquisa bibliográfica - livros e artigos que retratam os aspectos sociais, históricos, políticos de Belém, precisamente, em agosto de 1912 - e a pesquisa documental – baseada nas microfilmagens do Jornal “O Estado do Pará”, análise do conteúdo das notícias e comparação desse jornal com o modo de produção dos jornais atuais - “O Liberal” e “Diário do Pará”.

Este estudo contribui para uma compreensão da evolução histórica do jornalismo na cidade de Belém em um período de 100 anos, já que, ao longo das pesquisas, constatou-se que características do jornalismo d’“O Estado do Pará” apresentam-se no jornalismo impresso contemporâneo.

## 2 BELÉM DE 1912

Conta Rocque (2001) que o início da exploração da borracha na Amazônia trouxe à capital paraense grandes modificações estruturais, econômicas e políticas, entretanto, no início da década de 1910 a economia gomífera encontra-se em completo declínio, já que os investidores americanos e europeus financiaram a produção, em massa, da borracha no continente asiático, e em pouco tempo, a produção do látex brasileiro foi desbancada pela produção asiática (ALMEIDA, 2009).

No mesmo período, a luta política e ideológica travada entre Antônio Lemos, intendente municipal apoiado pelo jornal “A Província do Pará”, e Lauro Sodré amparado pelos jornais “A Folha do Norte” e “O Estado do Pará”, era evidente, ambos tinham a pretensão de exercer pleno domínio político em Belém.

Belém ainda queria ser a glamorosa “Paris nos trópicos”, viver a *Belle Époque* – essa “Era da Borracha” que corresponde a uma sensação de moderno (CASTRO, 2010), queria ser cortejada pelas damas e cavalheiros que nela habitavam, porém a realidade almejada já não era a vivenciada, pois a sociedade aspirava transparecer uma imagem de superioridade, de riqueza, quando, na verdade, já havia uma “Belém do Grão Pará decadente” (FERNANDES; SEIXAS, 2011, p. 3), decadente em sua economia e em sua política, uma cidade que, agora, passa a viver de aparências, daquilo que restou da áurea modernização advinda do lucro da economia gomífera.



### 3 O ESTADO DO PARÁ

A partir daí as coisas se precipitaram. Os adversários de Lemos resolveram criar um jornal (...). Reuniram-se a 4 de abril de 1911 e fundaram O Estado do Pará, com a direção entregue a Fulgêncio Simões, Virgílio de Mendonça ficando na presidência da diretoria da sociedade anônima. No dia 9 seguinte circulou o primeiro exemplar (ROCQUE, 2001, p. 98).

O jornal “O Estado do Pará” nasce em 9 de abril de 1911, fundado por Justo Chermont, um político de influência no Grão Pará. O primeiro endereço do impresso foi a Travessa Campos Sales, esquina com a Rua Treze de Maio – onde hoje se localiza o Edifício Justo Chermont, e em 20 de abril de 1976, tendo como proprietário Lopo Alvarez de Castro, passou a funcionar na Rua Gaspar Viana, nº 773 – onde hoje se localiza a gráfica do Jornal “O Diário do Pará”. No decorrer dos anos até 31 de dezembro de 1980, devido a problemas financeiros, o jornal encerra sua circulação com a edição de número 15684.

O jornal era composto de 4 a 8 páginas dependendo do número de ocorrências registradas. Sua função era veicular informações sobre as mais diversas situações vividas em Belém, no Brasil e no exterior, mas, seu objetivo maior era apoiar o político Lauro Sodré e seus aliados, defendendo-os das publicações do jornal “A Província do Pará” - jornal de cunho Lemista – e combater o intendente municipal Antônio Lemos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 241).

Quanto à sua estrutura e à sua produção, “O Estado do Pará” é reflexo da evolução do jornalismo na cidade de Belém. Em seu início (FERNANDES; SEIXAS, 2011a), a imprensa paraense limitava-se em retratar pequenas ocorrências, o *design* gráfico dos jornais era simples, como do Jornal *A Vida Paraense* (1883) que possuía duas colunas, quatro folhas e usava imagens, com circulação de três em três semanas. Com um crescente índice de urbanização, os assuntos multiplicam-se, as notícias ampliam-se, os recursos tecnológicos – advindos do próprio crescimento de Belém - aumentaram o número de jornais nas ruas, melhoraram a qualidade de impressão e baratearam seu custo, o que leva a considerar indícios de uma comunicação de massa que passa a melhorar a produção jornalística desde o início do século XX até os dias de hoje.



### 3.1 DOS FATOS ÀS NOTÍCIAS, DAS “SECÇÕES” AOS CADERNOS, D’“O ESTADO DO PARÁ” AO “O LIBERAL” E AO “DIÁRIO DO PARÁ”

A lógica da produção das notícias d’“O Estado do Pará” relaciona-se com a teoria do agendamento - *Agenda Setting*, pois, o jornalista tratava de acontecimentos e apresentava-os ao seu leitor, o qual definia se tais assuntos poderiam integrar ou não a sua “agenda”, o jornalista podia, apenas, sugerir a escolha de seu leitor, mas, o leitor exclui ou inclui aquilo que é excluído ou incluído nos *mass media*, com o objetivo de que aquilo que é importante para o jornal, possa ser importante para o público, que o público ter “o que pensar”. Inclui-se, também, que o modo como o leitor compreende a realidade é propiciada pelos meios de comunicação (Wolf, 2009). A escolha dos assuntos muda de acordo com as lógicas de produção do jornal, no caso o leitor d’“O Estado” restringia-se a escolher, apenas, os assuntos do dia veiculados neste jornal, que beneficiava Lauro Sodré e era contra Antônio Lemos.

No que diz respeito à produção da notícia - *Newsmaking*, o jornalista escolhia como construir o relato a partir das regras da redação para atender ao modo de produção do seu ambiente de trabalho, o que foi divulgado, julgado relevante para o leitor advém da cultura atribuída ao seu ambiente de trabalho, pois, o jornalista devia tratar de assuntos que fossem favoráveis a Lauro Sodré e aos seus aliados, reproduzir acontecimentos que fossem contra a política de Antônio Lemos, o que possuía grau de noticiabilidade, relevância pública, necessidade de publicação.

O jornal também, não se valia somente de regras a respeito do embate político, mas agregava graus de relevância a outros assuntos que tomavam importância, assim, tratava dos mais diversos assuntos que pudessem exercer sua função de “servidor público”, organizando em suas páginas assuntos similares como crimes, colonismo social, economia, atualidades, cultura, serviço público, com o passar dos anos Belém expandi-se, desse modo, o jornalismo cresceu, a divisão temática de antes, como n’“O Estado do Pará”, passa a ser em cadernos como dos jornais “O Liberal” “Diário do Pará”, as 7 colunas temáticas, em 100 anos, ampliam-se em 6 cadernos temáticos, com 5 a 6 colunas, as 4 folhas multiplicam-se e diversificam-se em 40 a 50 páginas diárias de registros de Belém e da região metropolitana.

Belém, em 1912, já era uma cidade urbanizada, apresentava problemas que atingiam a maioria de cidades de seu porte: crimes dos mais variados. “Pungente desgraça. Num acesso de loucura, um jovem de 18 anos prosta, a tiros de revólver, uma senhorita a quem amava –



A morte da vítima – O infeliz rapaz é internado no hospício – Pormenores diversos.” (O ESTADO DO PARÁ, 1912, 25 de agosto de 1912, p. 1). “Homem sanguinário. Um casal ferido a bala – A prisão do delinquente – As vítimas no hospital.” (O ESTADO DO PARÁ, 27 de agosto de 1912, p. 1).

Havia o título “Occorrencias Policiaes”, onde eram relatadas pequenas infrações, como pessoas que consumiram alta quantidade de bebida alcoólica, e delitos, como o caso de Miguel Archanjo que fora preso por não definir a precedência de um pato que possuía em mãos, homicídios provocados por vingança, inveja, como em “ciúme, pau e xadrez” que Etelvina Adolphina agrediu Raymunda por sentir inveja da mesma, ou ciúme, tal qual o espancamento da esposa de Mario de Alencar, Maria Julia de Alencar, pelo fato de o marido acreditar que ela o traía. Suicídios, como o relato sobre o jovem Victor Manoel Vaz, português que se matou por encontrar-se em extrema pobreza. Semelhantes aos cadernos de crimes hoje - intitulado “Policia” nos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, em 1912, a escrita ilustrava o que ocorrera, nos mínimos detalhes, hoje, esse auxílio é fornecido pelas fotografias, percebem-se “anúncios” da notícia, o que não se diferencia do *LEAD* contemporâneo, da técnica de organizar, em poucas palavras, o mais importante do acontecimento.

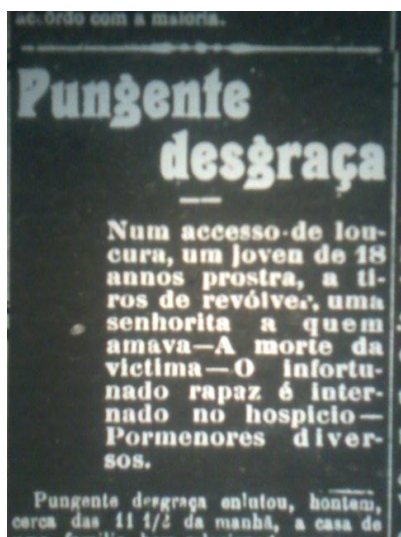


Figura 1: Microfilme d’ O Estado do Pará, de 1912.  
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém.



Existia o espaço sobre as notícias do exterior proveniente de telegramas enviados de outros estados do Brasil e de Portugal em “Notícias de Portugal”. “Tópicos e Notícias”, assuntos abordando atualidades. “Telegramas” a respeito de acontecimento no interior, geralmente notícias do Rio de Janeiro, e no exterior, a economia na França, incidentes na Turquia, ocorrências nos Estados Unidos e outros países. Esses tópicos apresentam semelhança com o primeiro caderno tanto do “O Liberal” - “Atualidades” - quanto do “Diário” - Belém, pois, nestes jornais, o primeiro caderno trata dos assuntos mais importantes para a cidade, as matérias mais relevantes sobre o âmbito local, regional, nacional e internacional, de acordo com o grau de relevância para o habitante belenense.

O espaço intitulado “Dia Social” registrava os aniversariantes, os festejos natalícios ocorridos no dia anterior, a festas particulares promovidas por integrantes (da até então) alta sociedade, e eventos sociais. “Navegação”, a qual trazia o horário das embarcações a caminho do “interior” e do “exterior”<sup>5</sup>. “Chronica Teatral” anunciando peças teatrais e filmes em cartaz e tecendo pequenas - quase que irrelevantes - notas sobre os filmes e peças em cartaz. O caderno “Magazine” - “O Liberal” - e “Você” - “Diário” - fortaleceram a ideia da difusão cultural do “O Estado”, ampliando não só os festejos, mas também, o colunismo social, as notas sobre peças e filmes evoluíram para críticas teatrais e cinematográficas, e adicionou a crítica literária.

“Dia Administrativo”, informações sobre os serviços jurídicos e administrativos prestados para a população. “Dia Forense”, notas de cunho técnico. “Dia Militar”, relatos sobre o serviço militar, títulos que originaram - ou auxiliaram na configuração - os cadernos sobre política, referindo-se aos serviços prestados à população. “Secção Commercial”, produtos e seus respectivos valores. “A pedidos”, serviços de publicação. “Vale Quem Tem”, lotérica, que remetem ao caderno dos classificados - nome do caderno do “O Liberal” e do “Diário” - que publica artigos, móveis e imóveis que estão a venda.

## 3.2 AGOSTO DE 1912

### 3.2.1 Data magna: 15 de agosto

<sup>5</sup> Interior e exterior, no sentido de dentro do estado e fora do Estado do Pará, diferente do que é tratado em Telegramas, que interior diz respeito ao interior do país, e exterior no sentido de fora do país.





Comemora-se, no dia 15 de agosto, a adesão do Pará à independência do Brasil. Este dia, com a manchete intitulada “15 de Agosto” (O ESTADO DO PARÁ, 15 de agosto de 1912, p.1), mostra-se como “magna data paraense” no jornal, repleta de comemorações, de homenagens “(...) áqueles que proclamaram a independência no Estado do Pará” (O ESTADO DO PARÁ, 15 de agosto de 1912, p.1). Descreve-se que uma das comemorações ao memorável dia ocorreu às 17 horas no Teatro da Paz com exibição de filmes e distribuição de pipocas e de bombons às crianças e aos professores que ali estavam presentes. Em sequência, no dia 16 de agosto registrou-se como foram grandiosas e belíssimas as comemorações.

É possível constar certo ufanismo explícito demonstrado no jornal de tal dia, celebrar a magna data, celebrar aqueles que lutaram em prol da unificação do Estado à nação brasileira, infelizmente, a data não possui mais o mesmo critério de relevância para os jornais atuais, o que hoje se publica são notas, breves comentários acerca da razão do feriado, àquela época, festejava-se por todo município tal dia, desde os eventos da “sociedade do café” promovidos pelas damas da alta sociedade até os eventos mais “simples” abertos ao público como as próprias crianças e os professores, cheios de atrações.

### 3.2.2 “Atentado”, humilhação: a derrocada de Antônio Lemos

Também, no mês de agosto, ocorreu no dia 28, às 20h30, o que “O Estado do Pará” intitulou,

INNOMINAVEL ATTENDADO contra Lauro Sodré – O lemismo desmacarou-se. Em desespero de causa tenta suprimir o grande brasileiro. Hontem, ás 8 1/2 da noite, dirigia-se para o theatro da Paz, o eminente sr. dr. Lauro Sodré, acompanhado de seu filho dr. Emmanuel Sodré capitão Cassulo de Melo, ajudante de ordens do governador, e do dr. Virgílio de Mendonça intendente municipal quando (...) (O ESTADO DO PARÁ, 29 de agosto de 1912, p.1).

Um “atentado” - simulado como afirma Rocque (2001) - de lemistas a Lauro Sodré. Um plano terrível no qual homens munidos de armas de fogo atiraram, covardemente, na carruagem de Sodré que seguia com o político em direção ao Teatro da Paz. Sodré, incrível homem que era, sobreviveu ao atentado, e foi ovacionado ao chegar ao teatro, dirigiu aos seus sua palavra, imponente e inquestionável (O ESTADO DO PARÁ, 29 de agosto de 1912, p.1).



O “innominavel attentado” com o intuito de retirar a vida do grande cidadão brasileiro – assim agraciado pelo jornal, na verdade, fora denunciado pelo “A Província do Pará” como um atentado simulado, pois, os adeptos de Lauro Sodré - contrários aos contribuintes d’“A Província” e a Antônio Lemos - possuíam o objetivo de derrubar Lemos e seus simpatizantes, destruí-los e destituí-los de seu direito à vida (ROCQUE, 2001). De fato, fora simulado, tanto que “O Estado do Pará”, juntamente com “A Folha do Norte”, induziu a população a acreditar, piamente, no atentado, provocando uma grande revolta na população.

Não obstante, “O Estado do Pará” continuou a promover uma campanha contra seu adversário, no dia 30, divulgou o atentado ao seu protegido político e deu lugar de destaque ao incêndio que atingiu o prédio do “A Província”:

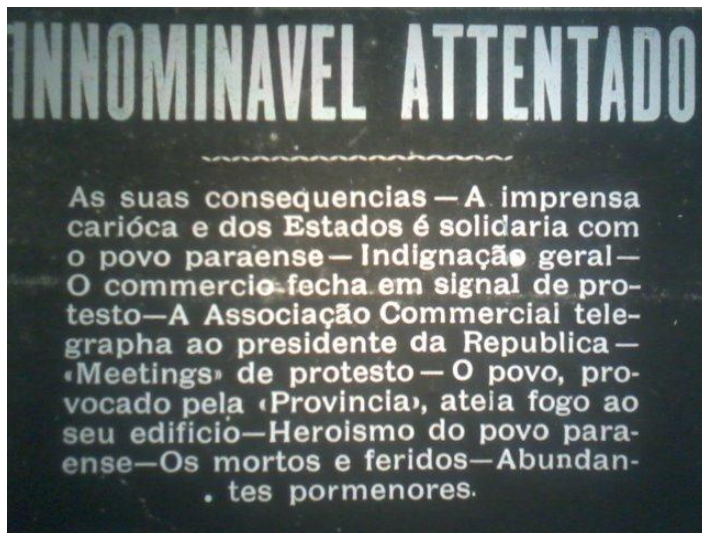


Figura 2: Microfilme d’O Estado do Pará, de 1912.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém.

INNOMINAVEL ATTENTADO. As suas consequências – A imprensa carioca e dos Estados é solidaria com o povo paraense – Indignação geral – O commercio fecha em signal de protesto – A Associação da Republica - <<Meetings>> de protesto - O povo, provocado pela <Provincia> ateia fogo ao seu edifício – Heroismo do povo paraense – Os mortos e feridos – Abundantes pormenores (O ESTADO DO PARÁ, 30 de agosto de 1912, p. 1).

A população se rendeu ao discurso laurista, atear fogo no jornal de Lemos parecia não ser suficiente, as tropas instigaram à população a ir até a casa do mesmo para incendiá-la





e saqueá-la (VELOSO, 2011). Algumas horas depois, Lemos foi encontrado, trajado com pijama. Fora agredido pela população, valendo-se da conquista de seus adversários (ROCQUE, 2001).

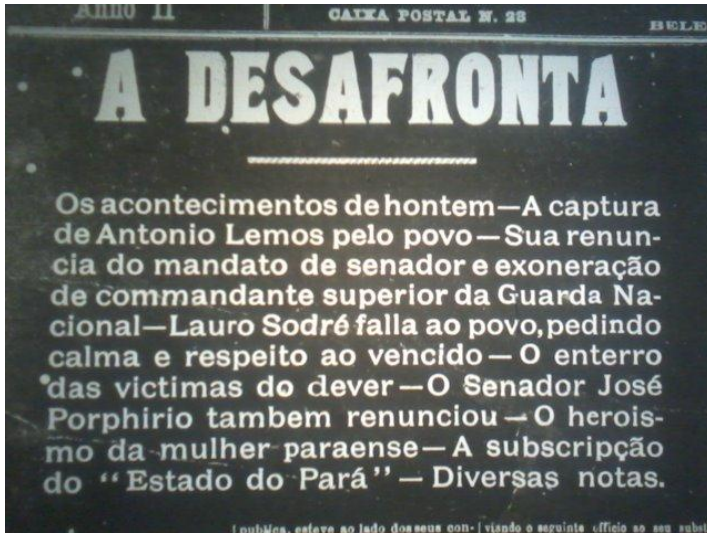


Figura 3: Microfilme d’O Estado do Pará, de 1912.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém.

A Desafronta. Os acontecimentos de ontem – A captura de Antonio Lemos pelo povo – Sua renúncia do mandato de senador e exoneração de commandante superior da Guarda Nacional – Lauro Sodré falla ao povo, pedindo calma e respeito ao vencido – O enterro das victimas do dever – O Senador José Porphiro também renunciou – O heroísmo da mulher paraense – A subscrição do ‘Estado do Pará’ – Diversas notas (O ESTADO DO PARÁ, 31 de agosto de 1912, p. 1).

Lemos, sem propriedades e sem títulos, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, nada mais desejava ou almejava no Pará (ROCQUE, 2001).

### 3.2.3 O fim da “Era da Borracha”

“A Borracha” possuía lugar na “Secção Commercial” a qual mencionava produtos relevantes à economia paraense da época, seu valor e uma espécie de quantificação das transações destes produtos na bolsa de valores. Dentre alguns produtos encontram-se “cacau, farinha, cachaça, camarão, copahyba, azeite de andiroba, cumaru, mel de canna, castanha, guaraná” e, fortemente, “borracha”, já que a sociedade daquela época sustentava-se, desde os fins do século XIX da economia gomífera.



Ao passar do mês de agosto de 1912, constata-se uma queda brusca na economia gomífera. Nos primeiros dias de agosto, a borracha encontrava-se em uma alta posição, com transações econômicas efetuados com diversos estados e países.

No dia 28, a borracha não garante mais ser a mesma base forte da economia da Amazônia. “BORRACHA. Continuou ainda ontem, com muito pouco movimento, o nosso mercado tendo-se feito negócios apenas com umas 6 toneladas das Ilhas.” (O ESTADO DO PARÁ, 28 de agosto de 1912, p. 3), movimento baixo comparado ao seu início. No dia 29, o movimento é mínimo. No dia 30, fim da “Era da Borracha”, ““Era da Borracha’ nada mais é que um outro signo referencial, associado a tempos magníficos e a sensações de vertigem (vertigem de delírio e vertigem de queda)” (CASTRO, 2010, p. 33).

O registro d’“O Estado” remonta que após o dia 30 de agosto a moderna “Belém do Grão Pará” que vive o que foi anunciado em 1910, quando Belém não exportava mais a quantidade de látex que exportava no final do século XIX, o ar moderno de uma Paris tropical ficou na lembrança, nas reformas urbanas realizadas pelo intendente municipal, muitos negócios faliram, acreditava-se que a ideia de estocar látex alavancaria a economia, mas, a produção em larga escala do continente asiático investida por americanos e europeus superou a produção primitiva, sem investimentos do governo e com a produção do látex asiático em larga escala, Belém despediu-se dos seus anos de riqueza.

Castro (2011) relata que a “Era da Borracha” é lembrada como o ápice da economia na cidade de Belém, mas, contrapõem que Belém isolara-se dos planos geográficos e políticos do Brasil, não investiu nas indústrias que se desenvolveram no período da economia gomífera - como os produtos regionais, Belém preocupou-se, apenas, em ser uma capital moderna inspirando-se nas arquiteturas das grandes metrópoles europeias, sem avaliar que alternativas econômicas poderiam auxiliar em seu crescimento. O poder aquisitivo de Belém se foi, restaram apenas as reformar urbanas, tal como a família Alcântara, de Dalcídio Jurandir, que “(...) vivenciou os tempos áureos da borracha e desfrutava de uma alta posição social na época, passando a viver de aparências na ‘decadente’ Belém de 1920” (FERNANDES; SEIXAS, 2011b, p. 4).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao que os estudos indicam, a produção jornalística de “O Estado do Pará” já apresentava indícios de objetividade, no entanto, mistura-se com uma dramatização, uma espécie de divisão do acontecimento em atos, como se constituem as dramaturgias modernistas e polêmicas do escritor modernista brasileiro Nelson Rodrigues.

Há um pouco deste teor literário nos jornais impressos atuais, porém, o que predomina, agora, é a objetividade, um dos principais aspectos que influenciam o índice de noticiabilidade, as regras da empresa jornalística, as rotinas produtivas das redações (WOLF, 2009), como o *LEAD* e a pirâmide invertida. Demonstra-se o sensacionalismo, a descrição detalhada dos óbitos, da violência, reflexo do jornalismo do início do século XX aqui tratado.

O jornal apesar de não fazer uso de muitos recursos gráficos para sua diagramação, e ser contemplado em 95% de escritos divididos em sete colunas, já se desejava apresentar uma sequência de assuntos semelhantes, tal qual, observa-se nos cadernos dos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, divididos em temas já mais específicos. Os jornais de hoje também mantêm colunismo social, retratando rapazes e moças, advindos das classes média alta, promovendo festejos, viagens e jantares.

Muito do que se vê no início do século passado - o entrelace do jornalismo que tenta transmitir o mais próximo da realidade, com o jornalismo que é feito com o objetivo de ter uma grande vendagem valendo-se de bordões, clichês e sarcasmo, e de uma forma literária, como por exemplo, nas ocorrências policiais – é um antecedente do que continua ocorrendo até os dias de hoje.

Curioso notar que cem anos separam “O Estado do Pará” e “O Liberal” e o “Diário do Pará”, mas, percebe-se como estes jornais apropriaram-se das características do jornalismo do século passado, e moldaram-no com caracteres contemporâneos, agregando características próprias a sua modernidade.

## Referências

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Floresta que sangra: No Acre, a violenta disputa por seringaais atravessou o século XX, mas resultou na primeira reserva extrativista do Brasil. *In: Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº 44, p. 17-25, mai. 2009.

BLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura e Despostos e Turismo, 1985. p. 241-242.



CASTRO, Fábio Fonseca de. Protocolo de Sonhos. *In*: \_\_\_\_\_. **A Cidade Sebastiana**. Era da Borracha, Memória e Melancolia numa Capital da Modernidade. Belém: Edições do Autor, 2010, p. 19-65.

FERNANDES, Phillippe S. P.; SEIXAS, Netília S. A. **Comunicação & História**: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Comunicacao%20-%20Historia%20a%20imprensa%20de%20Belem%20no%20alvorecer%20do%20seculo%20XX.pdf/view>>. [2011a]. Acesso em: 22 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Entre jornais e um repórter**: a imprensa de Belém nas décadas de 1910 e 1920. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1283-1.pdf>>. [2011b]. Acesso em: 17 abr. 2012.

O ESTADO DO PARÁ. 15 de Agosto. 1912, n. 492, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. 15 de Agosto – a festa infantil. 1912, n. 493, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. A Desafrenta. 1912, n. 508, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Borracha. 1912, n. 505, p. 3.

O ESTADO DO PARÁ. Borracha. 1912, n. 506, p. 3.

O ESTADO DO PARÁ. Homem sanguinario. 1912, n. 504, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Innominavel attentado contra Lauro Sodré. 1912, n. 506, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. Innominavel Attentado. 1912, n. 507, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Pungente desgraça. 1912 n. 502, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Secção Commercial. 1912, n. 507, p. 3.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001. p. 98-116.

VELOSO, Maria do Socorro F. **A ferro e fogo**: conflitos no primeiro século da imprensa paraense. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1503-1.pdf>>. [2011]. Acesso em: 10 mai. 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Trad. Maria Figueiredo. 10. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2009. p. 177-254.

